

Integração fundamental

A 11838

Lino Geraldo Resende



O mundo acaba de assistir a uma cúpula onde o principal tema foi a pobreza. A Organização das Nações Unidas (ONU) e os países que a integram - ricos e pobres - estão preocupados com o grau de pobreza existente em várias partes do mundo. Em alguns continentes e países, a situação é dramática. Os dados são alarmantes, sobretudo se considerarmos que o mundo tem experimentado um tempo de calma e de paz, apesar dos conflitos existentes.

Todo mundo, sem exceção, quer o fim da pobreza. O que complica é a forma de conseguir este intento. E esta postura ficou clara no resultado da cúpula. Embora mais de uma centena de na-

ções se tenha feito nela representar, o documento que saiu, ao seu final, não aponta caminhos firmes para mudar a atual situação no mundo, fazendo com que os ricos assim permaneçam e que os pobres fiquem menos pobres.

Um belo exemplo de desacordo é em relação ao trabalho. Rezam os princípios da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que o trabalho de crianças é proibido. O objetivo é preservar a infância, permitindo que a criança se desenvolva e, sobretudo, que não seja explorada pelos adultos. Esse princípio encontra resistência entre os países mais pobres, onde grande número de crianças trabalha. Sem a mão-de-obra infantil, perde a economia local. E os governos não querem isso.

É por esses e outros problemas que o documento da cúpula é genérico. Ele não fala, por exemplo, em contribuição percentual dos ricos para com os pobres porque os países ricos não o assinariam. E não vinculam recursos à educa-

ção, por exemplo, porque os países pobres, que têm problema de dinheiro, não acataram esse princípio.

Os desacordos existem e não vão ser superados. De qualquer forma a realização da cúpula é um avanço. Preocupada com o que a ONU convencionou chamar de desenvolvimento sustentável, ela serviu, pelo menos, para alertar o mundo sobre a sua atual situação. E graças ao trabalho da mídia, serviu, também, para tornar essa situação mais conhecida do público do primeiro mundo.

A cúpula representou progresso também quando países dos mais variados matizes políticos, ideológicos e com economias as mais diversas se dispuseram a, juntos, enfrentar o problema da pobreza. O mundo está globalizando na economia e na comunicação. O que acontece de um lado, afeta o outro. Os povos desenvolvidos, que têm um alto grau de bem-estar, sabem que só se vão manter assim se a pobreza que as-

sola o mundo for, senão erradicada, pelo menos atacada.

Até por uma lógica de mercado, a pobreza precisa diminuir. Aumentando-se os ganhos das pessoas, os seus benefícios e tirando países e famílias da pobreza absoluta criam-se, ao mesmo tempo, novos segmentos de mercado. É por isso que, na atual conjuntura, o combate à pobreza não deve ser entendido só como um gesto de boa vontade dos países ricos.

Ninguém, na verdade, está fazendo caridade. O que os ricos e os pobres querem, no final, é integrar ao mercado e ao consumo uma imensa massa que, hoje, é deixada à parte dele. Essa integração é fundamental para todos. E só agindo em conjunto é que países desenvolvidos e em desenvolvimento vão conseguir-lo.

Lino Geraldo Resende é jornalista, advogado e editor Internacional de A GAZETA